



MÓDULO

O PECADO ORIGINAL

Plano de aula | 07



Funcionamento da instituição escravista



Etapa

Anos Finais do Ensino Fundamental.



Objeto de conhecimento

O funcionamento da instituição escravista como mantenedora da acumulação de riqueza pelas elites e sua relação com grandes ciclos econômicos do Brasil.



Habilidades da BNCC

EF08HI12 - Caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da corte portuguesa, em 1808, até 1822 e seus desdobramentos para a história política brasileira.

EF08HI16 - Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado.

EF08HI19 - Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.



Tempo sugerido

4 aulas de 45 minutos.



Recursos didáticos sugeridos (avaliar a realidade da escola)

Projetor.
Biblioteca.
Internet.
Textos impressos.
Equipamento de som.



Metodologia

Para o desenvolvimento da atividade, será utilizada a abordagem sócio-interacionista da linguagem e das interações entre si e com o outro.



Avaliação

A avaliação indicada para ser utilizada nos planos de aula será a formativa, que se utiliza de rubricas que indiquem de forma reflexiva o grau de desenvolvimento das e dos estudantes, em uma abordagem sócio-interacionista.



Objetivo de aprendizagem

Compreender como a instituição escravista foi fundamental para o acúmulo de riqueza pelas elites no Brasil, refletindo sobre as consequências sociais, econômicas e políticas da escravidão na formação do Brasil contemporâneo.

Etapas da atividade

01

Contextualização

Contextualize as e os estudantes sobre o funcionamento da instituição escravista no Brasil e sua relação com a acumulação de riqueza pelas elites. Faça um breve relato sobre a Lei de 1831, que tornou ilegal o tráfico de pessoas escravizadas. Comente quem foram os irmãos Breves e por que são considerados exemplos do enriquecimento das elites com o contrabando de pessoas escravizadas. **Relembre os principais ciclos econômicos do Brasil, como o ciclo do açúcar, do ouro, do café e da borracha,** destacando o papel desempenhado pelas populações indígena e negra na construção da economia brasileira. Trace um paralelo sobre os casos atuais de trabalho análogo à escravidão e sua relação com a cultura escravista no país.

Orientações

Etapa 1: apresente à turma o trecho do podcast “O pecado original” (10:07 a 19:12).

Etapa 2: organize a turma em grupos e distribua os anexos 1 e 2, com excertos do texto de Thiago Campos Pessoa – O comércio negreiro na clandestinidade: as fazendas de recepção de africanos da família Souza Breves e seus cativos.

Etapa 3: apresente aos grupos, com projeção ou material impresso, as manchetes de jornais atuais que relatam casos de escravidão moderna.

Etapa 4: solicite que cada grupo faça a leitura e elabore dois ou três perguntas a partir do texto e das manchetes. Troque as perguntas entre os grupos para que todas e todos respondam.

Etapa 5: proponha que os grupos acessem o episódio 2 – “O pecado original”, do podcast do projeto Querino, e busquem mais informações para responder às questões formuladas por colegas e estas:

a. Qual a contribuição do comércio de pessoas escravizadas para a construção das grandes fortunas do Brasil?

b. Pode-se estabelecer alguma relação entre a cultura escravista vigente no país desde o Brasil Colônia e os episódios de escravidão moderna?

c. Em sua opinião, a exploração do tráfico e da mão de obra escravizada está ligada à origem e à manutenção das grandes fortunas em famílias descendentes dos oligarcas do colonialismo?

Reforce que as informações e respostas serão compartilhadas na aula seguinte.

02

Problematização

Para auxiliar a elaboração de perguntas e respostas dos grupos, oriente a condução do trabalho a partir da problematização sobre como a exploração da mão de obra escrava contribuiu para a economia brasileira ao longo dos diferentes ciclos econômicos, e de que maneira isso beneficiou o enriquecimento das elites.

Alguns pontos para serem discutidos são:

- Qual a relação entre a economia brasileira e o comércio de pessoas escravizadas?
- Qual o papel dos Souza Breves no contrabando de pessoas ilegalmente escravizadas?
- Que funções as fazendas litorâneas dos Souza Breves desempenharam na reorganização do comércio ilegal de pessoas no Brasil?
- Qual era a postura do governo imperial diante do contrabando de pessoas ilegalmente escravizadas?

03

Sistematização

Em formato de seminário, peça que os grupos compartilhem as respostas das perguntas recebidas dos outros grupos e da ou do docente.



MATERIAIS COMPLEMENTARES

Breves Café. Disponível em: <http://brevescafe.net/>.

Podcast: O pecado original. Projeto Querino. Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast-item/o-pecado-original/>.



MATERIAIS E REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO

O império da escravidão: o complexo Breves no vale do café. Thiago Campos Pessoa. Arquivo Nacional, 2018.

Cartografia e cultura: territórios dos remanescentes de quilombos no Brasil. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Universidade de Brasília, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/rafaelsanzio.pdf>.



OBSERVAÇÕES

O plano de aula também pode ser adaptado para diferentes modalidades de ensino:

Educação escolar quilombola ou indígena: refletir sobre a formação da população negra.

Educação especial: apoiar, complementar e suplementar o trabalho feito nas aulas regulares, observando o desenvolvimento das e dos estudantes em atendimento educacional especializado.

Educação escolar do campo: refletir sobre as contribuições da população negra, contextualizando o campesinato negro.

O COMÉRCIO NEGREIRO NA CLANDESTINIDADE: AS FAZENDAS DE RECEPÇÃO DE AFRICANOS DA FAMÍLIA SOUZA BREVES E SEUS CATIVOS

Thiago Campos Pessoa

José e Joaquim Breves, irmãos em uma extensa família luso-brasileira, vivenciaram praticamente todo o século XIX. A infância de ambos, no início dos oitocentos, coincidiu temporalmente com a afirmação do império luso-brasileiro; a maturidade com a construção do Império do Brasil; e a velhice com a derrocada do sistema escravista, e consequentemente do Império que ajudaram a construir.

O início, o apogeu e a decadência do Vale cafeeiro também cortaram as suas histórias. Por isso, participaram de importantes momentos da política imperial, embora em lados opostos. Adversários políticos, com perfis de pensamento diferentes, se aproximaram em relação a um aspecto da sociedade oitocentista: o tráfico ilegal de africanos. Ambos investiram nesse comércio até quando puderam, inclusive defendendo politicamente a manutenção do ilícito trato e mantendo fazendas destinadas à recepção de africanos recém-chegados. A defesa do tráfico talvez tenha sido o maior ponto de convergência entre os comendadores.

(...)

[...] Mas aqui era o ponto de embarque e desembarque do comendador Sousa Breves (...), além de ser de desembarque, era de engorda também. A história que eu sei (...) que proibiram a venda dos escravos (...) mas, não sei como é que fizeram, que ainda arrumaram uns escravos para trazer para cá, para vender novamente. (entrevista com Manoel Moraes, descendente de escravos).

Manoel Moraes há mais de 80 anos vive nas antigas terras da fazenda de Santa Rita do Brachuhy, em Angra dos Reis. Seus avós maternos e paternos foram escravos do comendador José de Souza Breves.

“Preto Forro”, o avô paterno, e Antonio Joaquim da Silva, pai de sua mãe, viveram os últimos anos da escravidão na fazenda. Ambos receberam suas alforrias ainda na década de 1870 e foram citados como legatários da antiga fazenda no testamento do comendador, escrito em 1877 e aberto no ano de 1879.

Muito provavelmente foram seus avós que perpetuaram as histórias do tráfico e da escravidão ao longo dos anos, transmitidas de geração a geração, em um processo de rememoração em que o histórico da fazenda se confunde com as próprias trajetórias familiares dos seus moradores.

No caso do senhor Manoel Moraes, as histórias da escravidão e do tráfico narram também lembranças de família muito vívidas e com referenciais muito fortes nas últimas décadas do século XIX.

Certamente, Antonio Joaquim da Silva, escravo de Breves, encarregado do engenho de cana de açúcar, vivenciou ou ouviu falar dos inúmeros desembarques de africanos que ocorreram no Bracuhy a partir da década de 1840.

O engenho no qual trabalhava produzia essencialmente aguardente, mercadoria chave no comércio de escravos na costa atlântica da África. Ao analisarmos a fazenda de Santa Rita no final da década de 1870, encontraremos uma área em decadência, praticamente abandonada à própria sorte de seus habitantes.

(...)

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21278/13859>.

ANEXO 2

O COMÉRCIO NEGREIRO NA CLANDESTINIDADE: AS FAZENDAS DE RECEPÇÃO DE AFRICANOS DA FAMÍLIA SOUZA BREVES E SEUS CATIVOS

Thiago Campos Pessoa

(...)

A última fase dos negócios atlânticos, ou seja, o desembarque dos africanos reduzidos ilegalmente à escravidão contava com novas estruturas organizadas em fazendas litorâneas destinadas, quase que exclusivamente, a recepção dos novos cativos.

O desaparecimento do Valongo no Rio de Janeiro, e dos demais mercados de escravos nas outras províncias, foi compensado por essas novas propriedades que além de receberem os negros da costa, montavam seus próprios mercados de escravos:

[...] tenho de participar a V. Ex.a, que fui informado, que os dois irmãos Joaquim José de Sousa Breves, e José de Sousa Breves convidaram diversos fazendeiros dos Municípios de S. João do Príncipe, e Pirahya [...] a comprar uma porção d'Africanos, que mandaram vir de Costa Leste em seu navio, que deve aportar à Província o Rio de Janeiro, demandando especialmente a parte dela compreendida entre a Guaratiba, e Angra dos Reis, e que aquele navio deve chegar em dias deste mês, ou do próximo futuro".
(documento disponível no Arquivo Nacional)

A dinâmica do tráfico, durante a clandestinidade, demandou, além de uma reordenação espacial dos novos desembarques, a construção de novas estruturas que viabilizassem a finalização do empreendimento traficante. Elas iam desde canoas que faziam a ponte entre os tumbeiros e a terra firme; passando pelos barracões para recepção dos negros novos, consagrados na memória local como locais de engorda; e como última etapa estava a comercialização e a redistribuição desses indivíduos reduzidos ilegalmente à escravidão.

As propriedades destinadas à última fase do comércio negreiro funcionavam ativamente até o início dos anos de 1850, mas logo em seguida aparecem abandonadas nos autos de descrição de bens dos inventários de época. Na segunda metade da década de 1850 perderam sua

principal funcionalidade: abastecer a demanda por mão de obra no próspero Vale do Paraíba fluminense.

Os Breves representaram a face ainda pouco conhecida dos homens de negócios que atuaram no ilícito trato a partir de meados da década de 1830, e que nele permaneceram no início dos anos de 1850.

Nesse período solidificaram redes transatlânticas que faziam funcionar os empreendimentos traficantes através de agentes na África, como no caso de João Henrique Ulrich. Quando necessário poderiam acionar os laços pessoais e comerciais com influentes negreiros, e assim possivelmente o fizeram com o famoso traficante espanhol Francisco Ruvirozay Urzellas, ou com o comerciante português José Bernardino de Sá, com quem os comendadores nutriam relações de amizade e lucrativos negócios.

Nas fazendas dos comendadores, o amplo envolvimento dos irmãos Breves como o tráfico internacional de africanos, durante a clandestinidade, se refletia claramente na conformação das suas escravarias. Como vimos, no caso das comunidades escravas das fazendas de Joaquim Breves, encontramos forte presença de africanos procedentes das regiões menos expressivas no tráfico no início do século XIX, e que ganharam representatividade no período da ilegalidade, como o caso de Cabinda e Moçambique. Em outras palavras, boa parte dos africanos traficados pelos comendadores eram enviados para suas grandes fazendas no Vale fluminense e lá vivenciavam o cotidiano do cativo ilegal no Império, que ainda se convencia da necessidade de abolir o comércio negreiro em escala atlântica.

(...)

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21278/13859>.

ANEXO 3

Brasil tem mais de 1 milhão de escravos contemporâneos, estima ONG Walk Free - <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2023/05/25/brasil-tem-mais-de-1-milhao-de-escravos-contemporaneos-estima-ong-walk-free.ghtml>.

Com 2.500 vítimas em 2022, Brasil chega a 60 mil resgatados da escravidão - <https://reporterbrasil.org.br/2023/01/com-2-500-vitimas-em-2022-brasil-chega-a-60-mil-resgatados-da-escravidao/#:~:text=Instagram%20Facebook%20BlueSky-,Com%202.500%20v%C3%ADtimas%20em%202022%2C%20Brasil%20chega,60%20mil%20resgatados%20da%20escravid%C3%A3o&text=O%20Brasil%20encontrou%202.575%20pessoas,Minist%C3%A9rio%20do%20Trabalho%20e%20Emprego>.

Trabalho escravo na indústria da moda em São Paulo - <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/trabalho-escravo-na-industria-da-moda-em-sao-paulo/>.

Mulher é resgatada após 72 anos de trabalho escravo doméstico no Rio - <https://reporterbrasil.org.br/2022/05/mulher-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-escravo-domestico-no-rio/>.

Salton, Aurora e Garibaldi pagarão R\$ 7 milhões em indenização após resgate de trabalhadores em situação análoga à escravidão - <https://g1.globo.com/rs/noticia/2023/03/10/salton-autora-e-garibaldi-pagarao-r-7-milhoes-em-indenizacao-apos-resgate-de-trabalhadores-em-situacao-analoga-a-escravidao.ghtml>.

Brasil registra seis casos de trabalho escravo doméstico em um mês - https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/08/5026899-brasil-registra-seis-casos-de-trabalho-escravo-domestico-em-um-mes.html#google_vignette.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Palacete Visconde da Palmeira. Autor: Luizbastides, 2018. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Palacete_Visconde_da_Palmeira.jpg.



Escola

www.itausocial.org.br